

A menina que ainda não estava lá:
da matriz sensorial familiar à singularização
*The girl who was not there yet: from the familiar sensorial
matrix to singularization*

*Fernanda Ribeiro Palermo**

*Alberto Konicheckis***

*Andrea Seixas Magalhães****

Resumo

Neste artigo, discutiremos a noção de matriz sensorial familiar, evidenciando a sua face opressora e o surgimento do sintoma psicossomático como resposta ao imperativo da sensorialidade durante o processo de análise. Por meio de uma vinheta clínica, apresentaremos o caso de uma jovem que sustenta o processo de separação da família e a conquista do espaço psíquico singular via sintomas alérgicos. Propomos considerar, portanto, a alergia tanto como expressão psíquica primária defensiva quanto como reveladora de um tipo de relação de objeto alérgica, o que sinaliza questões arcaicas e objetais atuantes no psiquismo.

Palavras-chave: Sensorialidade. Família. Transgeracional. Singularização. Alergia.

Abstract

In this article, we will discuss the notion of the familiar sensory matrix, highlighting its oppressive face and the emergence of the psychosomatic symptom as a response to the imperative of sensoriality during the process of analysis. Through a clinical vignette, we will report the case of a young woman who underpins the separation process from the family and the achievement of the singular psychic space via allergic symptoms. Therefore, we propose considering allergy as a defensive primary psychic expression that reveals a type of allergic object relation, which suggests archaic and object issues in the psyche.

Keywords: Sensoriality. Family. Transgenerational. Singularization. Allergy.

* Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Especialista em Psicoterapia de Família e Casal pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Membro Efetivo da Associação Brasileira de Casal e Família e Membro em Formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro CPRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. fernandapalermo.fp@gmail.com

** Psicólogo Clínico. Psicanalista. Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris. Professor Emérito da Universidade de Paris-Cité. Presidente do Grupo de Estudos Clínicos Psicanalíticos (GECP), em Aix-en-Provence, França. akonicheckis@aol.com

*** Professora Associada do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. andream@puc-rio.br

Introdução

Os laços intersubjetivos na família são marcados pela sensorialidade e atuam no processo de singularização de seus membros. É por meio de uma dimensão psíquica grupal, na família, que o sujeito recebe heranças geracionais e encontra o tecido subjetivo no qual será envolvido. Entendemos haver uma matriz sensorial na família na qual os laços se realizam de modo dinâmico e processual, em uma dimensão intersubjetiva. Ainda que seja imprescindível, essa matriz pode se tornar opressora e atar os membros da família, levando-os a um autoexílio e a um confinamento de partes de si mesmos, figurando presenças de ausência.

Marca da face opressora da matriz sensorial familiar, o sintoma psicossomático pode surgir como resposta, no processo analítico, ao imperativo da sensorialidade. Por meio de uma vinheta clínica, apresentaremos o caso de uma jovem que sustenta o processo de separação da família e a conquista do espaço psíquico singular via sintomas alérgicos. Propomos considerar, portanto, a alergia tanto como expressão psíquica primária defensiva quanto como reveladora de um tipo de relação de objeto alérgica (MARTY, 1969), o que sinaliza questões arcaicas e objetais atuantes no psiquismo.

Yumi (1): a ausência de si

Yumi, cujo nome significava menina feliz, era uma jovem de 18 anos que chega à análise com inúmeras queixas somáticas, que iam desde inapetência a quedas de imunidade, que acarretavam recorrentes adoecimentos. Tinha sido indicada pelo pediatra, médico que a acompanhava desde a tenra infância e lhe teria dito que precisava cuidar de suas emoções, algo que ela repetia sem saber ao certo do que se tratava. A análise durou 5 anos, ao ritmo de 2 sessões por semana.

Nas primeiras sessões, o que mais chamava atenção era o fato de Yumi se apresentar pela ausência de si mesma. Havia grande desconexão entre o que era dito e a expressão de afetos, por mais que seu discurso fosse claro e coerente. Ela chorava em todas as sessões; no entanto, não associava que aquele gesto era expressão de um afeto, a ponto de dizer, quase um ano após o início do tratamento, que não percebia que a lágrima que caía de seus olhos era um choro. Isso se evidenciava na necessidade de a analista, em todas as sessões, fazer um movimento corporal em sua direção para aproximar dela a caixa de lenços de pa-

pel, de que ela se servia para enxugar as lágrimas. Antes desse gesto, ela seguia falando quase sem conseguir respirar, como uma espécie de sufocamento.

Os primeiros tempos da análise foram repletos de narrativas de mal-estar físico. Dizia não saber explicar o que sentia, então utilizava expressões como “uma coisa que me dá enjoo”, “de repente sinto meu coração”, “quando penso em comer vem um nojo”. Yumi tinha recorrentes dores de estômago e palpitações. Assim, comunicava os seus afetos por meio de elementos sensoriais como sensações de nojo, de aflição, de incômodo e de caretas, expressões faciais que fazia para dizer o que sentia e pensava.

Após esse primeiro tempo de análise, Yumi começou a contar a sua história da seguinte maneira: o pai era um homem que tinha prosperado na vida econômica e social, em contraste com sua origem familiar de migrantes vindos do norte do Brasil. Já a sua mãe era uma mulher oriental, cujos pais eram imigrantes de duas etnias rivais que nunca se inseriram na cultura brasileira (não falavam português e viviam em uma espécie de autoexílio), além de serem muito pobres. Diante dessa trama, o pai de Yumi teria sido aquele que “salvou” a mulher de uma condição de miséria, dando-lhe oportunidades.

Os pais eram casados, mas tinham vidas separadas, o que resultava em pouca comunicação na casa. Yumi tinha duas irmãs mais novas, as quais tentava proteger do que considerava ameaçador, brincando com elas no quarto. Descrevia o pai como um homem com características narcísicas acentuadas, que precisava de muito reconhecimento e que submetia os outros às suas vontades, injetando-lhes culpa e medo. Mas tudo isso ocorria de forma paradoxal, pois ele agia afirmando que suas ações eram para o bem de todos.

Yumi era convocada a participar de situações familiares cuja marca era a tensão sentida por algo que pudesse irromper de violento. O pai também tinha incontáveis queixas somáticas, o que servia como justificativa para inúmeras demandas de atenção. Já sua mãe era uma mulher silenciosa, distante afetivamente, apresentando-se por meio de uma funcionalidade prática e de esvaziamento afetivo. Yumi dizia que, por vezes, tinha vontade de “sacudir” sua mãe, para que ela se conectasse com o mundo, pois sempre parecia estar com a mente distante.

Quanto às gerações anteriores, Yumi dizia que o pai e a mãe eram distantes de suas origens, tendo o pai um ressentimento dos próprios pais que, em sua visão, não foram amorosos e o deixaram desamparado. A mãe, por sua vez, rompeu laços com os seus. Yumi nunca soube o que tinha acontecido e dizia preferir não saber, pois saber era sinônimo de exigência de sentir e de fazer. Assim, oferecia um relato que evidenciava um constante estado de alerta, uma

vigilância contínua do mundo externo e um funcionamento de “tradutora” da família, uma vez que era acionada para mediar as relações. Ao longo de sua vida, ela se ocupou do que vinha do mundo externo, refugiando-se de si mesma – o que ocasionou impactos severos no seu processo de subjetivação. Em contrapartida, a função de tradutora parecia ter dupla face, ao mesmo tempo em que ela se via presa no excesso sensorial familiar, em níveis arcaicos, desenvolvia uma função que sinalizava algo novo, uma transformação em níveis não verbais.

Yumi, ainda assim, vivia uma situação paradoxal: recusar o que vinha dos outros para ser ela mesma e estar marcada pela vivência de dependência da qual não podia abrir mão sob o risco de fantasias de desintegração. O medo de se sentir perdida, abandonada, de não existir, mantinha Yumi ligada à família. A pouca diferenciação psíquica entre ela e seus pais a fazia experimentar sensações corpóreas e confusão mental, ensejando o binômio submissão-recusa. Aterrorizada com o sentir, a paciente demandava à analista respostas objetivas sobre como aplacar seus afetos.

A matriz sensorial na família

A família é o lugar de onde derivam as experiências inaugurais e onde se reenchem aquelas advindas das gerações anteriores. Como um grupo primário, ela é organizada por laços intersubjetivos, por transmissões e alianças psíquicas geracionais e por uma matriz sensorial. Todos esses processos se realizam em uma dimensão intersubjetiva e têm caráter dinâmico e processual.

Os laços intersubjetivos cumprem a função de ligação de aspectos internos do sujeito, de ligação entre os sujeitos e deles à família. No entanto, há laços que portam vida e outros que são mortíferos, ainda que, em alguma medida, estejam intrincados uns nos outros, tal como a vida e a morte. Kaës (1993) afirma que o processo de tessitura dos laços – tanto internos do sujeito quanto com os outros – mantém a constância do trabalho psíquico, mas, para tanto, é preciso haver um envelope psíquico de cuidados ante a prematuridade humana. A singularidade é, então, concebida a partir de certas exigências colocadas pelo grupo de origem, que é a família, de experiências vividas nela, e pelos laços que se estabelecem entre seus membros.

A sensorialidade é elemento atuante e fundante dos laços intersubjetivos. Estabelece uma comunicação inconsciente ainda que, muitas vezes, essa comunicação seja marcada por curtos-circuitos. As experiências sensoriais são

tanto constitutivas dos laços na família e no sujeito quanto manifestação daquilo que sobra e/ou falta, daquilo que é sentido, mas não pensado. A matriz sensorial, na família composta por laços intersubjetivos, cumpre função constitutiva, embora possa se tornar opressora aos membros da família.

A noção de matriz grupal é cunhada, inicialmente, por Foulkes (1967), com base na ideia de que o grupo, com suas características próprias e específicas, funcionava como uma rede de comunicações verbais e não verbais, como uma base operacional de todos os processos mentais dos indivíduos. Na visão do autor, haveria uma ressonância inconsciente de conteúdos que pertenceriam a todos os seus integrantes, sendo o singular derivado dessa matriz grupal.

Na mesma época, W. Bion (1967), estudioso do funcionamento de grupo, cunha a noção de mentalidade de grupo – expressão unânime da vontade do grupo, para a qual o sujeito contribui de forma inconsciente. As contribuições dos membros para a mentalidade constituem o continente grupal, o que permite certa satisfação das pulsões e dos desejos individuais, mas que devem estar em conformidade com as demais contribuições de fundo comum.

Na visão de W. Bion, os sujeitos, em grupo, funcionam em registros afetivos arcaicos, pré-genitais, assim, esse autor propõe o conceito de protomental, uma ligação entre o somático e o psíquico. O modelo organizado pelo autor enfatiza a dinâmica relacional e afirma que o laço entre sujeitos tem uma relação indissociável com as experiências somáticas, fundadoras das relações primárias individuais e grupais. Desta trama, desponta a base de onde surgem as sensações ainda não metabolizadas, marcas do sensorial, que demandam um trabalho de continente-conteúdo grupal (BION, 1962).

Seguindo a perspectiva de Bion, entre os membros de um grupo, haveria uma realidade sensorial compartilhada, que se distingue da realidade intrapsíquica com seus objetos internos. Entendemos que essa realidade sensorial compartilhada faria parte de uma dimensão grupal do ainda não fantasiado que atua nos psiquismos, de onde também derivam as subjetividades. A sensorialidade carregaria o potencial de infundáveis sentidos, porém, seria necessária a metabolização dos excessos de elementos brutos, *beta*, em elementos *alfa*, pela família.

A partir das contribuições de Foulkes e de Bion, sobre a dimensão grupal no psiquismo, e da concepção de laço, proposta por Kaës (1993), chegamos à concepção de matriz sensorial familiar. Há uma matriz dinâmica inconsciente, que não se reduz ao que o sujeito leva do outro na sua subjetividade, composta por laços intersubjetivos e regida pela sensorialidade. É preciso sublinhar que

os laços intersubjetivos são sustentados pelas alianças inconscientes (KAËS,1976) que têm a função de mantê-los e assegurá-los e definir as regras em jogo, a fim de garantir a permanência da família ao longo do tempo. Para tanto, há um engajamento mútuo, um interesse comum, que exige uma certa renúncia de satisfação libidinal de cada membro da família e algum nível de negação, rejeição, para que seja possível se constituir e se manter em laço – pacto denegativo (KAËS, 1976).

Ainda que esteja na base de todos os laços, o pacto denegativo também carrega consigo a transmissão do traumático, o que cria zonas de silêncio na família e falhas na simbolização, dando margem a um fracasso no contrato que liga a família ao sujeito e vice-versa. Alguns quadros de adoecimento podem remontar às situações que trazem marcas anteriores ao sujeito, e assinalar uma turbulência emocional advinda de um tempo geracional passado. Toda essa dinâmica dos laços comporta as heranças e os processos de transmissão psíquica, que movimentam as gerações, muitas vezes, por meio da sensorialidade.

A marca da sensorialidade nos laços familiares diz respeito ao que é compartilhado na família, funcionando de forma dialética. Palermo (2021) propõe a concepção de laços primários familiares banhados pela cossensorialidade, enfatizando o aspecto de mutualidade. Segundo a autora, os laços familiares se originam em uma dimensão intermediária, dinâmica e processual, em que a sensorialidade é a via de comunicação. No entanto, os laços comportam uma face constituinte e uma adoecida, esta última marcada por elementos da transmissão transgeracional que se apresentam sob a forma de não representação. O paulatino processo de subjetivação ocorreria a partir da delimitação entre o continente e o conteúdo na família, através da cossensorialidade vivida nos laços e das vivências pré-linguísticas, pré-representacionais.

Pautados na concepção de sujeito, cuja origem é tributária da família e da herança, e que tem na sensorialidade via de comunicação e de ligação psíquica, salientamos que a matriz sensorial precisa funcionar em favor da constituição de um continente e promover a primeira introjeção do sujeito, que é a da continência. A aquisição dos sentimentos de existência e de pertencimento depende das experiências de continuidade e de descontinuidade no início da vida. As descontinuidades sucessivas podem expressar a atuação massiva da transmissão transgeracional, elementos traumáticos que não foram elaborados pelas gerações anteriores e são transmitidos às seguintes sob as formas de sofrimento, e ocasionar falhas na função continente da família. Diante desse quadro problemático, o sujeito se vê atravessado no seu processo de subjetivação.

Isso porque a matriz sensorial, na família, atua no psiquismo, mobilizando elementos arcaicos e transgeracionais, evidenciando a relação entre conquista do sentimento de existência singular e pertencimento familiar. Nesse sentido, Aubertel (2010) oferece rica contribuição sobre a interconexão dos níveis arcaicos e objetivos, advindos dos laços em família e atuantes no psiquismo. A autora afirma que, no primeiro nível, há o pré-individual da ordem da vivência do laço – matriz originária ativa de significação, que habilita cada eu a produzir sua própria narrativa interior – e uma via fantasmática.

Nesse primeiro momento, a vivência do laço é sensorial e de pouca diferenciação entre os sujeitos, o que demanda uma experiência de continuidade na família para que os processos de simbolização sejam ativados. No segundo nível, o das relações de objeto ou o dos objetos laços (*objets-liens*), é o das relações de objeto mais claramente diferenciadas que organizam os processos de singularização e favorecem cada membro da família a encontrar o seu lugar na cadeia geracional. Na verticalidade, esses níveis podem ser atravessados pela transmissão do traumático não elaborado, restringindo espaços subjetivos e ativando angústias arcaicas e medo do aniquilamento.

A matriz sensorial, na família, comporta, então, o traumático, transmitido aos sujeitos de forma clivada ou fragmentada, o que estabelece, por vezes, confusão entre o sofrimento singular e aquele concernente aos entraves familiares de que o sujeito é porta-voz. A dinâmica familiar se torna problemática quando a modalidade sensorial de estar no laço se torna um meio quase exclusivo de estar em família. O que é fundante e imprescindível pode se apresentar como defesa, recurso acionado para fazer face ao traumatismo e às dificuldades de simbolização. É assim que a sensorialidade pode vir a se tornar a expressão do que não está acessível ao pensamento e traz sofrimento.

A família é espaço de partilha de memórias e de impressões que advêm dos órgãos dos sentidos, como o cheiro de comida caseira, o perfume de um ente querido já falecido, entre outros. Nos casos mais problemáticos, a capacidade de transformação psíquica familiar de vivências traumáticas não funciona satisfatoriamente, sobrecarregando os próprios órgãos dos sentidos e favorecendo adoecimentos, em especial, os psicossomáticos – um desalinho entre interioridade e corporeidade.

Os sujeitos podem permanecer atados uns aos outros sob o imperativo da sensorialidade. Assim, diante do atravessamento do transgeracional, a matriz sensorial familiar pode se tornar opressora e claustrofóbica, fazendo com que o sujeito seja impactado pelo sentimento de não existência, de não habitar o próprio corpo, o que impacta o processo de personalização (WINNICOTT,

1967). A identidade sensorial, como propõe Konicheckis (2008), fundada na atividade psíquica sensorial, que facilita o processo de personalização, vê-se ameaçada. A potencialidade de emergir de um “não ainda sujeito”, que possui múltiplas e sucessivas origens, sem jamais alcançar uma unidade pronta e definitiva, pode se esvaziar pelo excesso sensorial em questão.

Yumi (2): o despertar da presença de si

Depois de dois anos de atendimento, Yumi decide morar sozinha. Um passo importante rumo à sua autonomia que, rapidamente, passa a ser experimentado como sofrimento. Ao se ver consigo mesma, passou a restringir cada vez mais o próprio espaço, comendo cada vez menos. Nessa época, havia a presença frequente do namorado na casa, o que a fazia se organizar ao máximo para satisfazê-lo, mas ao mesmo tempo, não se permitia mobiliar muito a casa, que permanecia vazia. Nessa época, houve um episódio de urticária no ventre, no pescoço e na cabeça. Yumi dizia sentir a cabeça quente e cheia de “bolhas”. Coçava-se muito, a ponto de se sentir em carne viva e constrangida, caso o namorado a visse daquele jeito. Havia uma devoção a tudo o que dizia respeito ao namorado, de forma que Yumi passou a mimetizar características de mulheres que ele sinalizasse admirar, o que a levou a mais e mais exilar-se de si. A situação não se sustenta e, um ano depois, Yumi decide terminar o namoro e voltar para a casa dos pais, onde permanece mais de um ano e volta a se alimentar melhor.

Em análise, o apelo endereçado à analista era: diga-me o que fazer, ainda que eu permaneça não sendo eu mesma. Se a dor fosse aplicada, perdia tudo, inclusive a si própria. Foi, então, que a analista lhe disse: “Se eu falo o que você tem que ser, ocupo o seu lugar, se não falo, a deixo só. Qualquer resposta que eu lhe dê, eu direi que a sua vida é minha. Talvez o que você esteja me perguntando seja ‘Eu sou dona da minha vida? A minha vida é minha? O meu corpo é meu?’. Posso estar junto com você, costurando caminhos, ao seu lado, não ocupando seu lugar”.

Yumi olhava para a analista em prantos e dizia “É preciso existir para querer, né?”. Alusão à discussão que sempre se apresentava: a sensação de não existir. A analista lhe perguntou se ela conhecia o poema Tabacaria de Fernando Pessoa, que se inicia assim: “Não sou nada/Nunca serei nada/Não posso querer ser nada/À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”. O poema fazia alusão à alternativa a seu impasse, uma aposta de integrar as partes! A analista deixa acessível sua emoção, sentida com aquela lembrança, e ambas, ela e paciente, experimentam e compartilham um tempo e espaço juntas.

Depois de um tempo, Yumi decide voltar a morar sozinha. Escolhe uma casa onde “cabia um só” e começa a decorá-la. Meses depois, faz mais uma mudança de residência, para um bairro mais distante do dos pais, onde “desejava morar” sozinha, mas com mais espaço em um apartamento “amplo e com espaços decorados”. Yumi inicia novo relacionamento amoroso, que passa a ser tema central de suas sessões. Percebia voltar à mesma lógica de se confundir com o outro e de temer se posicionar e irromper algo violento. A irrupção violenta ocorre na sua pele: urticária, na cabeça, no rosto e na barriga, surge na primeira viagem internacional do casal.

Muito se poderia contar sobre as nuances e os desdobramentos da análise de Yumi, mas o que parece mais relevante é o fato de que, na oscilação entre estados mais ou menos integrados, a paciente passou a dar voz a seus afetos, fazendo com que ocorresse um movimento em direção à vida. Já em uma fase de maior autonomia, um episódio dissociativo, vivido por sua irmã mais nova, a leva a uma hospitalização. Yumi fica muito mobilizada e sente a proximidade com o funcionamento familiar, novamente, funcionando como tradutora das relações familiares, enquanto sua mãe paralisava, em uma espécie de efeito catatônico, e o pai seguia com um discurso prescritivo, à distância, sem se movimentar em direção à filha, tampouco tomar providências de cuidado.

Nesse ínterim, uma alergia, em Yumi, avermelhava a pele do corpo todo e a fazia se coçar. Dessa vez, parecia uma descarga, algo sistêmico e de curta duração. Sua reação foi de tristeza, dizendo ter “regredido” novamente, visto ter tido episódios alérgicos anteriormente. No entanto, ela já existia para si e a pele parecia comunicar algo novo. A analista lhe disse: “Você sabe, parece que você levantou a guarda e disse para si que agora você não vai ser engolida, que você tem bordas e usa um antídoto poderoso para proteger a si mesma. Parece que seu corpo, que agora é seu, gritou e disse “Desta vez, não!”. Momento de risos compartilhados e ela disse (em alusão ao que vinha falando em análise sobre aprender novos verbos): “Aprendi o verbo existir e desejar e agora tem também o pensar. Pensar até com o corpo”.

O sintoma psicossomático como resposta ao imperativo da sensorialidade

Como saída subjetiva, frente ao atravessamento doloroso, o sujeito pode se retirar de si, vivendo uma ausência de si mesmo, refugiando-se. A defesa contra o aniquilamento pode levá-lo à recusa do que venha do outro, como uma

espécie de desnutrição psíquica, pois abrir espaço é sinônimo de ser devorado e de perder a si por completo. A corporeidade é a primeira porta-voz e precisa ser investida para que o sujeito se preencha de si mesmo. Em contrapartida, o sujeito atado na matriz sensorial familiar se vê em dificuldades de realizar o trabalho de elaboração imaginativa da corporeidade.

Propomos considerar o surgimento do sintoma psicossomático como resposta, no processo analítico, ao imperativo da sensorialidade. A partir do caso clínico de Yumi, pudemos supor que a alergia, que exprime uma questão psíquica primária, é um meio de sustentar o processo de subjetivação e evidencia uma relação de objeto do tipo alérgica – que consiste em uma tentativa permanente de o sujeito se ligar ao objeto, já que a estreita proximidade leva à confusão com ele – tal como proposta por Pierre Marty (1969).

Marty afirma que o sujeito que estabelece o tipo de relação de objeto alérgica carrega frágil distinção entre ele e o outro e as fronteiras que o separam e o aproximam do objeto. Nesse sentido, a noção de “objeto hospedeiro” (MARTY, 2006) se mostra bastante interessante ao indicar que o sujeito habita o objeto da mesma forma como é habitado por ele. O sujeito se banha da subjetividade do outro e passa a viver para o outro, buscando responder ao que lhe é endereçado ou ao que acredita que o outro deseja dele. No entanto, esse objeto hospedeiro pode ser rapidamente trocado, caso ocorram muitas descontinuidades do contato temporo-espacial, reiterando a fragilidade do sujeito quanto a sentir-se inteiro. Foi assim que, durante bastante tempo, Yumi se apresentou de forma camaleônica nas relações, o que as tornavam insuportáveis a médio prazo.

No entanto, a relação de objeto do tipo alérgica e a dinâmica do sintoma de alergia são diferentes. Como indica Brusset (2019, p. 176), a relação de objeto alérgica inclui uma – semiologia inconstante nos alérgicos, existente sem alergia – Assim, paradoxalmente, o sintoma de alergia pode se apresentar como uma barreira frente à relação de objeto alérgica. Yumi sentia as aproximações transferenciais com a analista, tal como a relação de objeto alérgica era sentida como ameaça de perda de limite, de confusões identitárias, de desintegração subjetiva. O sintoma da alergia vem pôr um fim a essas sensações sentidas como perigosas, pois ele se posiciona, então, contra o que poderia ser pior: uma depressão psicossomática ou a perda dos objetos-sensações.

O processo de análise é marcado pela escuta dos lugares pouco delineados e pela reencenação deles na transferência. O sujeito reencena para fazer ligações psíquicas e promover elaborações, e a reação alérgica pode ser o que sustenta sua existência. A alergia dá esteio à regressão, de forma a impedir uma

desintegração psíquica, viabilizando o trabalho analítico. Isto porque a regressão pode chegar a episódios de despersonalização, caso não seja contida, uma vez que o que está em cena são elementos psíquicos arcaicos, advindos da pré-história do sujeito e da matriz sensorial familiar. Ao existir um continente para o estado regressivo, inaugura-se um processo em que o sujeito possa, paulatinamente, sair do refúgio de si mesmo, ocupar o seu espaço interior e “à parte disso, ter em si todos os sonhos do mundo”.

O sintoma de alergia possui uma dinâmica própria. No organismo, ele constitui um conjunto de defesas corporais ante as intrusões. Por meio da alergia, o corpo se defende contra uma substância que considera perigosa. Assim como, na falsa ligação das neuroses, trata-se de uma aversão deslocada, uma espécie de fobia somática, que cria um objeto externo ameaçador. Assim como na relação de objeto alérgica, o sujeito nega o estranho do outro, no sintoma de alergia, ele transforma o familiar em estranho. Logo, essa forma primária de fobia corporal permite efetuar distinções entre o bom no interior, e o mau e ameaçador no exterior.

Os sintomas de alergia se verificam, portanto, próximos da despersonalização e da repersonalização. Assumindo a forma de urticária em Yumi, os sintomas se manifestam na pele, criando, desse modo, uma fronteira artificial entre o exterior e o interior, visando a afrouxar a proximidade extrema, criada no laço com o outro, pela relação de objeto alérgica. Assim como o desmantelamento, descrito por D. Meltzer (1975), nos sintomas autistas, o sintoma alérgico provoca sensações que trazem uma impressão de agregação. Ele gera tipos de objetos-sensação, em torno dos quais, o sujeito se constitui e que sustentam o sentimento de continuidade de existência.

A função da alergia no processo de singularização durante a análise

O processo de análise mobiliza aspectos primários do sujeito, o que inclui os elementos transmitidos psiquicamente entre gerações. Em muitas situações, o sujeito já chega ao mundo com um mandato transgeracional, o que lhe exige trabalho psíquico para se diferenciar desse lugar designado. Na radicalidade, há uma recusa a tudo o que diga respeito à família, levando-o ao encapsulamento, como forma de nada deixar entrar ou acessar e de se defender das invasões. A contrapartida é que, na recusa, paradoxalmente, o sujeito se mantém atado à família, vivendo uma dependência aprisionante, exilando-se de si mesmo.

O sujeito em questão, em análise, apresenta-se pela inquietude, pela estranheza, por certa inadequação, e o corpo é colocado na centralidade do sofrimento – o que excede da sensorialidade, sem ligação. É, portanto, crucial uma permeabilidade no encontro analítico para que o analista escute o sensível com o próprio corpo, podendo sonhar acordado os elementos sensoriais que precisam ser transformados e devolvidos de forma metabolizada (BION, 1967). Nessa direção, Winnicott (1960) afirma que seu trabalho era muito mais a partir de seu ego corporal, sendo realizado no pré-verbal, no pré-linguístico, na sensorialidade, uma vez que a “interpretação certa no momento certo equivale a um contato físico” (WINNICOTT, 1972, p. 217).

Em alinhamento com o que é vivido nos primeiros estágios da vida, é atribuição da análise prover a segurança de um lugar confiável, no qual seja possível entrar em contato com o excesso sensorial sem ligação e se recuperar da regressão subsequente. O trabalho de apresentação de objetos (WINNICOTT, 1969) cumpre a função de comunicação, que contribui para ligação do sentir ao sentido. Em muitas ocasiões, é necessário oferecer uma intervenção pautada na primeira pessoa do plural – “parece que nós estamos...” – como forma de acessar a matriz sensorial familiar, a que o sujeito permanece atado. A aposta é na transformação de parte da carga sensorial para que algo de novo possa advir. Yumi pôde fazer de sua função tradutora na família um recurso de vida, tornando-se tradutora de si e interrompendo a herança, segundo a qual as mulheres precisavam ser “salvas” pelos homens.

O processo de análise visa a promover condições para que o sujeito possa se diferenciar de sua família e trilhar o caminho da singularização, o que inclui a aquisição do sentimento de habitar no próprio corpo. Para sustentar esse processo, a alergia, como em Yumi, despontou como deslizamento da sensorialidade em expressão psicossomática e comunicou um paradoxo: o sintoma alérgico visa a criar um espaço interno próprio, uma forma primária defensiva rumo à diferenciação, mas faz despontar uma forma de relação objetal pautada por zonas de não diferenciação com o objeto. Essa reflexão encontra alicerce na concepção de Pierre Marty (1969, 2006), segundo a qual o paciente alérgico possui um desejo capital: o de se ligar o mais possível ao objeto de maneira a confundir-se com ele.

Yumi apresentava, na relação objetal, marcas da matriz familiar opressora atuante no seu psiquismo. Ela mantinha uma postura de recusa, inclusive a alimentar-se. Quando a matriz sensorial, na família, se torna opressora, uma possível saída subjetiva implica a possibilidade de se ligar ao outro por uma modalidade de colagem, revelando uma relação de objeto que carrega a marca

de pouca diferenciação psíquica. Uma expressão psicossomática pode, nesse contexto, ser escutada como parte importante no processo de singularização, ainda que denuncie pouca separação entre sujeito e objeto.

O sujeito alérgico é visto por Marty como dotado de grande intuição, pois entende, rapidamente, o que o analista deseja e passa a funcionar para satisfazê-lo, revelando a sua maneira de estabelecer laço com o outro. Yumi cometia o ato falho de dizer aula ao invés de sessão de análise, tal como, com certa frequência, reafirmava ser uma boa aluna. Acreditando fazer o que a analista desejava dela, mantinha-se exilada e apartada de sua interioridade. Vê-se, assim, a parte da confusão entre sujeito e objeto, no que concerne à relação de objeto alérgica, e que encontra traços da matriz sensorial familiar quando aprisionante.

Estabelecer laço afetivo, sendo objeto para o outro e não tendo existência própria, suscita um modo de estar no mundo marcado pela presença da ausência de si. Ainda segundo Marty (1969), o sujeito se liga ao objeto, produzindo uma massa indiferenciada, tendo por objetivo apagar os limites entre si mesmo e o objeto. Fazer pelo outro pode ser sentido como menos custoso psicologicamente do que o lidar com as fronteiras entre eu e não-eu, o que indica uma identificação massiva e imediata com o objeto. Ao afirmar “*notre allergique malade n'en est pas là*” (MARTY, 2006, p. 11), o autor alerta para a problemática discriminação entre o bom e o ruim, o eu e o outro. O sujeito não se sente pertencente à família e aos outros grupos senão por meio do mecanismo de colagem.

O que desponta nas relações desse tipo é o ideal de si mesmo, que conta com fixações pré-genitais, levando o sujeito a, reiteradamente, trocar de objetos na busca da relação com a mãe. O trabalho de análise ocorre, desse modo, tanto na dimensão sensorial quanto na fantasmática, dada a fragilidade psíquica em questão. E foi, por meio dessa dupla dimensão presente na transferência, que se tornou possível escutar o sintoma psicossomático como defesa contra a intrusão e como uma confusão entre familiar e estranho. Ao ser capaz de regredir na relação transferencial e retornar à casa dos pais, Yumi saiu de uma posição de recusa e passou a se nutrir na relação com o outro. De quem tinha nojo da sensação do alimento na boca, ela passa a saboreá-los e a “desejar o que comer”. Mais preenchida de si, habitando o próprio corpo, inicia um outro tempo da análise, no qual era possível entrar em contato consigo mesma, lembrar mais das experiências infantis, sonhar e se projetar em um futuro.

Considerações Finais

A partir do caso clínico de Yumi, foi possível refletir acerca da dimensão grupal sensorial, que banha o sujeito e o coloca como receptor e participante de uma matriz de base. A matriz sensorial, na família, se compõe de laços e de alianças, assim como de uma pré-história –heranças advindas da transmissão transgeracional – o que pode levar o sujeito a se apresentar pela ausência de si mesmo. Yumi se depara com a face opressora da matriz sensorial, aquela que traz obstáculos ao processo de singularização. O jogo entre colagem e ruptura e submissão e recusa se presentificava na análise e denunciava um estado regressivo, que clamava por contenção.

Pouco a pouco, Yumi passa a introjetar a continência e se diferencia do lugar que lhe foi designado, a de “arrimo” psíquico da família, indo em direção ao encontro consigo mesma. A alergia pôde ser entendida como trabalho psíquico, ao passo que revelou uma modalidade de relação de objeto que carregava traços da matriz sensorial familiar. O diálogo estabelecido com a teorização de P. Marty nos levou a considerar que o trabalho com Yumi ocorria na simultaneidade dos níveis arcaicos e objetivos, e a potência da escuta também contemplava a simultaneidade das dimensões grupal e singular no sujeito.

Tramitação

Recebido 11/07/2022

Aprovado 25/08/2022

Referências

- AUBERTEL, F. Le travail sur le lien en thérapie familiale psychanalytique. In: *La Réalité Psychique du Lien. Revue Internationale de Psychanalyse du couple et de la famille (AIPCF)*, n. 4, p. 57-76, 2010.
- BION, W. Attacks on linking. In: _____. *Second thoughts*. London: Karnac, 1967.
- _____. *Learning from experience*. London: H. Karnac, 1962.
- _____. (1963). *Elementos de psicanálise*. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- _____. *Experiências com grupos*. Rio de Janeiro: Imago, São Paulo: EDUSP, 1975.
- BRUSSET, B. Lien primaire et relation d'objet allergique. *Revue française de psychosomatique*, v. 55, n. 1, p. 173-194, 2019.

FOULKES, S.H. Based on the practice and theory of group analytic psychotherapy: the concept of group matrix. *GroupAnalysis*, 1 (1), p. 31-36, 1967.

KAËS, R. (1993). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. *Um singular plural: a psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Loyola, 2011.

KONICHECKIS, A. Subjectivation et sensorialité: les embryons de sens. In: MELLIER, D; CICONI, A; KONICHECKIS, A. (Org.). *La vie psychique du bébé*. Émergence et constriction intersubjective. Paris: Dunod, 2012. p. 7-22.

MARTY, P. Notes cliniques et hypothèses à propos de l'économie de l'allergie. *Revue Française de Psychanalyse*, n. 2, p. 243-254, 1969.

_____. *La relation objectale allergique*. Presses Universitaires de France, n. 29, p. 7-30, 2006.

MELTZER, D. et al. (1975). *Explorations dans le monde de l'autisme*. Paris: Payot, 1984.

PALERMO, F. R. *Tecendo laços e desatando nós: a sensorialidade na clínica com famílias*. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia). Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 2021.

RUFFIOT, A. Appareil psychique familial et appareil psychique individuel, hypothèses pour une onto-éco-génèse. *Dialogue, Familles & Couples*, n. 72, p. 31-43, 1981.

WINNICOTT, D.W. (1958). Desenvolvimento emocional primitivo. In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 1971. p. 218-233.

_____. (1960). Contratransferência. In: _____. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 145-152.

_____. (1967). Colapso das defesas. In: _____. *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 82-87.

_____. (1969). Sobre o uso de um objeto no contexto de Moisés e o monoteísmo. In: _____. *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott*. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 187-192.

_____. O lugar em que vivemos. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 145-153.